



COLLOQUIUM

REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE TEOLOGIA

VOLUME 8, NÚMERO 2, CRATO – CE, MARÇO DE 2024 - ISSN 2448 2722

SUBMETIDO EM: 22/02/2024 ACEITO EM: 29/03/2024 - SEÇÃO 2: ENSAIOS

A ESCOLHA ABSOLUTA: UM BREVE ENSAIO SOBRE O RELACIONAMENTO DO CRISTÃO COM O DINHEIRO EM KIERKEGAARD

The Absolute Choice: a Brief Essay on the Christian's Relationship with Money in Kierkegaard

Antonio Juliano Ferreira Lopes*

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5309902764637801>

 DOI: <https://doi.org/10.58882/clq.v8i2.169>

RESUMO: Kierkegaard busca elucidar o cristianismo originário, o qual exige a busca pelo reino de Deus em primeiro lugar. Esse mesmo cristianismo resiste às mudanças e exigências do tempo e exige para cada geração e para cada *indivíduo* em sua geração, uma escolha absoluta: Deus ou o *mundo*. O dinheiro seria o bem central no *mundo*, mas ninguém pode servir a dois senhores. (Mt: 6, 24). Vejamos então como Kierkegaard estabelece a relação entre a idealidade da existência cristã e a preocupação com o dinheiro ao mesmo tempo em que prioriza a importância da escolha absoluta entre Deus e o dinheiro.

Palavras-chave: Cristianismo; Escolha; Fé; Kierkegaard.

ABSTRACT: Kierkegaard seeks to elucidate THE original Christianity, which first demands the search for the kingdom of God. This same Christianity resists the changes and demands of time and demands for each generation and for each individual within its generation, an absolute choice: God or the world. Money would be the central good of the world, but no one can serve two masters. (Mt: 6, 24). Let us then see how Kierkegaard establishes the relationship between the ideality of Christian'S existence and the concern with money at the same time that he prioritizes the importance of the absolute choice between God and money.

Keywords: Christianity; Choice; Faith; Kierkegaard.

* Professor na EEMTI Tomé Gomes dos Santos. Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará, Ceará, Brasil. E-mail: juliano.lobes17@outlook.com.

INTRODUÇÃO

No interior de uma existência genuinamente cristã, uma decisão deve surgir, seja por força da *fé*, seja por força do *escândalo*. A escolha se impõe como absolutamente necessária para que o cristão exerça a liberdade, seja para salvar a si mesmo seja para perder-se. Qualquer tentativa de se subtrair à escolha, seja mediante a flexibilização de um dos objetos, seja pela atitude de indiferença frente à escolha mesma, já se configura como uma sabotagem à liberdade, uma tentativa de anulá-la; todavia, ninguém é mais prejudicado pelo autoengano do que o próprio embusteiro. Quando a liberdade é sabotada, ao se optar pelo não escolher, ela é perdida, utilizada da pior forma possível, atuando contra si mesma na terrível escolha pela não escolha, pois deixar de escolher não deixa de ser uma escolha, a pior delas. Não escolher, mediar, tentar conciliar objetos qualitativamente distintos ou se omitir frente a eles, todas essas ações equivalem para o cristianismo a uma e mesma escolha: a escolha pela não liberdade, pelo não verdadeiro, por aquilo que o cristianismo denomina de *mundo*¹.

1 - UMA ESCOLHA ABSOLUTA

A escolha apenas é absoluta quando pelo menos um dos objetos de escolha é absoluto e quando a consequência da eleição imprime uma marca na eternidade, a qual transcende toda a finitude. O objeto absoluto é Deus e a escolha absoluta é entre *Deus* e o *mundo*. Tal escolha não ocorre antes de haver uma batalha pungente na subjetividade do ser humano em um desesperador conflito interior. Da escolha absoluta brota a essência da existência, a sua verdade mais originária e produtiva. Na obra *Discursos Edificantes em Diversos Espíritos*, Kierkegaard enfatiza a contraposição absoluta entre os dois objetos, a saber, duas alternativas

1. No original: *verden*. Kierkegaard também se refere ao *mundo* mediante o termo bíblico *mammon*, palavra hebraica que remete às riquezas terrenas e materiais, o dinheiro incluído.



inconciliáveis: “Amor a Deus é ódio ao mundo, e amor ao mundo é ódio a Deus; portanto, este é o ponto de litígio, ou amar ou odiar; assim, este é o lugar onde deve ser travado o combate mais terrível que se leva a cabo no mundo, e onde fica este lugar? No interior de um ser humano” (KIERKEGAARD, 2018, p. 61). O problema na cristandade consiste em tornar conciliáveis *mundo* e Deus, de modo que o *indivíduo* já não consegue visualizar qualquer possibilidade para uma decisão absoluta. Nessa configuração, *Deus* e *mundo* perdem suas determinações originárias de serem objetos heterogêneos entre si e se tornam por fim, inelegíveis. De modo semelhante, Pascal também se atentou para o perigo dessa indistinção essencial a qual corrompe o cristianismo: “a razão superveniente não faz mais distinção entre esses dois mundos tão contrários”. (PASCAL, 2017, p. 175). Como corolário, a responsabilidade e a angústia de uma escolha absoluta são rechaçadas para longe como males indesejados.

A decisão absoluta entre Deus e o *mundo* anuncia o contraste entre a árdua relação do ser humano com Deus e a atraente relação do ser humano com o *mundo*. Pela escolha, o ser humano possui a chance única de se redimir definitivamente para com o seu elo divino e também para consigo mesmo. Assim, “o ser humano deve escolher entre Deus e *Mammon*. Esta é a condição eternamente inalterável, não deve haver aí nenhuma evasiva” (KIERKEGAARD, 2018, p. 63). Se a escolha deve ser absoluta, como justificar aquele indivíduo que opta por Deus, mas que ao mesmo tempo precisa trabalhar e se preocupar com o sustento diário, estando preso até certo ponto, às determinações mundanas? É possível uma escolha em caráter tão absoluto? Sim, deveras, o cristão também precisa trabalhar e viver no mundo, assim como aquele que opta por *mammon*, mas haveria, todavia, uma diferença fundamental entre o cristão (o qual opta por Deus) e o pagão (o qual elege o mundo). Na exterioridade, o cristão se comportará como



qualquer outra pessoa, e não obstante, sua interioridade se encontra completamente harmônica com a escolha absoluta que opta por Deus.

A escolha por Deus corresponde à escolha por si mesmo, ela significa que o *indivíduo* opta pela bem-aventurança eterna, a felicidade última reservada ao ser humano. Ela também corresponde à escolha pelo reino de Deus e o comprometimento com a justiça divina em primeiro lugar. A eternidade se encarregaria de recompensar aquele que se sacrificou e sofreu ao bem escolher, ao escolher primeiro o reino de Deus. Esse reino é a própria recompensa. “O reino de Deus, este é, portanto, o nome da bem-aventurança que é prometida ao ser humano” (KIERKEGAARD, 2018, p. 64). Prometido pelo cristianismo, o reino de Deus se apresenta como a recompensa na qual o ser humano pode depositar a sua vida, sua morte e sua fé. Weston irá avaliar que apenas o eterno se configura como uma referência segura: “para Kierkegaard, a vida não pode ser a sua própria medida, mas deve estar relacionada ao que está essencialmente para além da vida, uma ‘felicidade eterna’ e a uma absoluta medida, Deus, para seu sentido” (WESTON, 1994, p. 76). Para o cristão, a relação com o dinheiro não deve ser apenas circunstancial, mas também absolutamente secundária. Como veremos, o cristão deverá adotar para com o dinheiro uma posição de indiferença e uma posição de subordinação absoluta para com Deus.

2 - O CRISTÃO E O DINHEIRO

Kierkegaard problematiza a relação do cristão com o dinheiro nos *Discursos Edificantes em Diversos Espíritos* (1847) e nos *Discursos Cristãos* (1848). Nenhuma dessas obras defende a ideia de que o dinheiro seja nocivo ou que deva ser evitado, pois o dinheiro jamais é um mal em si; o que há é a possibilidade de corrupção mediante o modo equivocado de se relacionar com ele. Kierkegaard possuía uma predileção pela exortação evangélica acerca dos *lírios do campo* e



as aves do céu. Nela, aprendemos sobre o dever de uma escolha absoluta entre Deus e o mundo. Tal decisão não pode ser omitida ou negligenciada, pois não escolher já é indiretamente uma escolha contra o divino. Assim, “de Deus não se zomba. Por isso em verdade é assim que se por acaso um homem deixa de escolher, então é a mesma coisa como a ousadia de escolher o mundo” (KIERKEGAARD, 2018, p. 62). O cristianismo estabelece a possibilidade de escolha entre Deus e o mundo, mas ao mesmo tempo estabelece o caráter inevitável da escolha. A questão recai sobre o que ele deveria escolher. O pensador é taxativo: “Ele deve escolher o reino de Deus e sua justiça. Por este ele deve renunciar a tudo, completamente indiferente que este tudo seja um milhão ou um centavo; pois também aquele que escolhe um centavo de preferência a Deus, escolhe Mammon” (KIERKEGAARD, 2018, p. 64).

A relação do cristão com *Mammon* não é, portanto, abolida, mas ressignificada pela relação com Deus. O cristianismo não proíbe o ser humano de possuir dinheiro e nem sequer o proíbe de acumular riquezas, todavia, exorta em contrapartida para que ele venha a estabelecer com o dinheiro uma relação relativa e não, absoluta. Apenas quando o dinheiro não é escolhido em detrimento a Deus, *Mammon* se torna justificável. Não é possível nem viável para o cristão se evadir completamente do dinheiro e das preocupações mundanas, afinal, ele próprio se encontra inserido em um mundo regulado justamente pelo dinheiro. Mas como subsistir nesse mundo ao mesmo tempo em que Deus é escolhido em absoluto? Entre os atributos do cristão se destacam a resignação e a gratidão às quais amenizariam a preocupação mundana pelo dinheiro. “Por esta razão o cristão está sempre livre das preocupações, jamais indeciso: ele é crente; jamais inconsistente: está eternamente decidido; jamais desalentado: sempre alegre, sempre agradecido” (KIERKEGAARD, 2007, p. 150).



Nos *Discursos Cristãos* de 1848, Kierkegaard tece uma análise profunda sobre a preocupação com o sustento, seja na perspectiva de quem possui poucas riquezas (a preocupação da pobreza), seja na de quem as possui em demasia (a preocupação da abundância). Kierkegaard designa ambas como *preocupações pagãs*. Seja sob qual forma a preocupação se manifeste, na pobreza ou abundância, a atitude do cristão em relação ao dinheiro deve ser a mesma: a de *desprendimento*, em oposição a uma posição de servidão e de subserviência. A preocupação da pobreza se refere à insegurança do dia de amanhã em relação à comida, bebida, vestimenta, em suma, as preocupações relacionadas à subsistência material. O cristão imerso na pobreza apenas supera a preocupação ao aceitar livremente a disposição da *providência divina*. “De que vive o cristão pobre? Do *pão cotidiano*. Nesse caso, se assemelha ao pássaro” (KIERKEGAARD, 2007, p. 86). Para possuir uma extraordinária habilidade de resiliência e resignação, o cristão, seja pobre ou rico, deve lançar mão da fé como aquela que lhe assegurará que é o próprio Deus quem o alimenta e o sacia.

Ao cristão rico, por seu turno, é reservado um desafio ainda maior na relação com o dinheiro, ao passo que as riquezas podem facilmente obstruir a relação espiritual com o *bem absoluto*. Em relação à riqueza espiritual, todavia, todo e qualquer cristão é rico; rigorosamente posto, “há somente um rico: o cristão” (KIERKEGAARD, 2007, p. 105). O cristão afortunado materialmente, por seu turno, não carece de preocupação, pois ele possui a preocupação da abundância. O desafio aqui reside em conciliar o ser rico materialmente com o desprendimento do ser cristão. Uma arte se faz necessária, a da *ignorância*, ou a de fazer-se livremente ignorante acerca de suas próprias riquezas terrenas. Vejamos:

Portanto, o cristão rico tem a abundância, porém não é sabedor dela e é necessário que se faça ignorante da mesma. Ser ignorante não é nenhuma arte, porém fazer-se ignorante, e depois de fazer-se feito, permanecer sendo-lhe, isso sim que é arte. O cristão é diferente, neste



sentido, do pássaro, enquanto este é ignorante, mas o cristão se faz tal; o pássaro começa e termina com a ignorância, o cristão termina não sendo sabedor – e cristãmente jamais se pergunta acerca do que um homem era, senão do que chegou a ser (KIERKEGAARD, 2007, p. 96).

Fazer-se ignorante é uma arte, nem estética e nem desinteressada, mas ética e existencial, adequada ao processo de *tornar-se cristão*. Uma arte assim seguramente requer uma dupla resignação para o cristão abastado o qual precisa resignar-se e tornar-se indiferente a seus bens. De todo modo, a relação com o dinheiro, seja do cristão abastado ou do cristão carente de recursos, deve ser perpassada pela resignação e indiferença: ambas apenas são possíveis mediante o *fazer-se ignorante*. Compreender essa relação é essencial para a compreensão da crítica kierkegaardiana à cristandade burguesa, subserviente aos valores econômicos e nada divinos. A crítica se torna mais palatável na medida em que são confrontados os valores vivenciados pelo cristão neotestamentário e os valores absolutamente heterogêneos do cristão burguês pertencente à cristandade. Para o primeiro, o dinheiro não se configura como um elemento condicionante em sua existência. No fascículo póstumo do *Instante*, Kierkegaard deixa registrado uma última advertência aos seus leitores, evidenciando uma dupla relação que o cristão precisa permanecer atento: uma absoluta com o cristianismo e outra relativa com o dinheiro. Kierkegaard (2019, p. 284) exorta para que seus leitores se afastem dos pastores da Igreja luterana dinamarquesa ao mesmo tempo em que demonstrem uma atitude de desprendimento para com o dinheiro. E acrescenta:

Foge deles; apenas lembra-te de pagar-lhes voluntária e pontualmente o dinheiro que lhes corresponde. Com aqueles a quem a gente despreza, não há que ter contas pendentes a nenhum preço, pois assim não poderão dizer que alguém fugiu deles para evitar o pagamento. Não, paga-lhes o dobro, a fim de que teu desacordo com eles fique bem explícito: que aquilo que preocupa a eles não te preocupa em absoluto, o dinheiro; e que, ao contrário, o que não preocupa a eles te preocupa infinitamente, o Cristianismo.



3 - A CRISTANDADE E O DINHEIRO

Kierkegaard testemunhou um capitalismo ainda em estado embrionário na Dinamarca de seu tempo, mas que já influenciava de modo significativo a política ocidental e a igreja luterana. Com a consolidação da economia capitalista na Europa em meados do século XIX, sua influência na cristandade foi se tornando cada vez mais notória, contribuindo para consolidar a deturpação do cristianismo originário mediante uma política de fomentação de uma pseudoreligiosidade obcecada com a prosperidade material. Se olharmos para o mundo contemporâneo, a cristandade deixa de se reduzir ao seu vínculo oficial com o Estado para abranger novas alianças e configurações, agora com o mercado e com seus princípios econômicos. O surgimento da cristandade burguesa subverte os valores religiosos conciliando-os a interesses cada vez mais sujeitos a temporalidade e condicionados por uma ideia mesquinha de prosperidade material. O diagnóstico de Oliveira (2018, p. 140) ilustra bem a tese em questão: “Hoje, em muitos países, tanto do Ocidente quanto do Oriente, há a sensação de que se tornar uma pessoa religiosa, especialmente cristã, é sinônimo de se tornar uma pessoa de sucesso”.

A cristandade, seja na forma estatal como na forma laicizada, serve aos interesses mundanos do capital e se concretiza mediante determinações da *vida estética*, sendo por isso heterogênea ao cristianismo primitivo. Como o cristão se encontra inevitavelmente inserido no *mundo*, o qual seria oposto a Deus e avesso ao eterno, a fé se converte na arte de resistir aos encantos mundanos. O aspecto transcendental e heterogêneo do cristianismo em relação ao mundo é bem descrito por Costeski (2018, p. 153), o qual afirma que o cristianismo “é uma religião transcendente, no sentido ontológico do termo. Ele é *diferente* do mundo. O cristão está no mundo, mas não é do mundo, e isso deveria ser óbvio



para o próprio cristão”. O dinheiro não pode ser mais do que um instrumento mundano pertencente ao *telos relativo* e sob esse aspecto, não pode competir contra o *telos absoluto* proposto pelo cristianismo, ainda que fosse possível “servir a dois senhores”. Uma religiosidade que fundamente seus objetivos em direção à riqueza material e ao poder aquisitivo não pode ser considerada uma autêntica religião cristã. A cristandade burguesa extingue essa autenticidade ao inverter os valores, tornando o relativo em absoluto e o absoluto em relativo.

É notória a percepção da decadência religiosa provocada pela influência mercantilista já condicionada pelo capitalismo decorrente da revolução industrial que adentrava vigorosamente na dinâmica da Igreja oficial dinamarquesa. Kierkegaard foi certamente um dos primeiros a vislumbrar a nocividade dessa influência no cristianismo institucional e a criticar abertamente o engodo eclesiástico engendrado por seus dirigentes. O dever de indiferença do cristão frente ao dinheiro e aos valores transitórios da mundanidade o fará fugir dos pastores e de seus mecanismos políticos. A fuga aos pastores e à cristandade assim configurada pode indicar uma possibilidade de reaproximação ao cristianismo originário. A forma como Kierkegaard compreende a função do dízimo já é um grande indicativo do quão indiferente o cristão deve ser em relação ao dinheiro. Nos primeiros *Diários*, ao comparar o dízimo no judaísmo com o dízimo no cristianismo, o autor nórdico já enfatizava esse último como uma forma plena de entrega existencial que vai muito além da convencional oferta monetária. “Assim como os judeus trabalhavam nos seis dias da semana e repousavam no sétimo, tu também hás de pensar no mundo e em suas obras durante os seis dias, porém em Deus no sétimo? Não, o dízimo e a oferenda do cristão são todo o seu coração, e o dia sagrado do cristão é sua vida inteira” (KIERKEGAARD, 2015, p. 46).

A crítica de Kierkegaard a um cristianismo “capitalístico”, o qual teria por finalidade prioritária o lucro em detrimento do Reino de Deus, é explorada no



Instante. Ali, o cristianismo do *Novo Testamento*² entra em conflito indissolúvel e insuperável com o *mundo* e com os valores que esse representa. A arte de pechinchar, tipicamente própria da cultura capitalística, se torna uma característica marcante na cristandade. “O homem se tem instalado no confortável hábito de pechinchar; não somente as exigências de Deus, como também as concessões, pondo-as ao serviço da instância humana” (KIERKEGAARD, 2017b, p. 29). Os valores são invertidos e o divino é substituído pelo mundano, tal como observará Heidegger (2010, p. 96): “Essas pessoas convertem a despreocupação com contingências da vida num fazer nada. Estão preocupadas com o mundano e, absorvidos na diversidade de preocupações, ao falar e nada fazer”. Retornando ao *Instante*, Kierkegaard analisa a deturpação do conceito bíblico da *pesca de homens* (Mt: 4, 19). Enquanto Cristo concebia a pesca de homens como uma conquista de indivíduos para o seguimento do apostolado cristão, os pastores veem a pesca como um empreendimento comercial e lucrativo, onde se justificaria a busca desesperada por fiéis pagantes. Nesse modelo, a quantidade é o critério determinante que abole o discipulado cristão.

Se para o cristianismo do Novo Testamento a qualidade do seguidor é o preponderante, de tal modo que um único *indivíduo* comprometido com o apostolado cristão já representaria o êxito desse cristianismo, a cristandade valoriza antes o *quantitativo*, a concepção de que o maior número possível de pessoas é cristã, vale lembrar, desde que possam pagar por isso. Como todo e qualquer negócio lucrativo “assim também é explorada a pesca de homens por uma sociedade anônima, que garanta aos membros entre si tanto e tanto por cento de

2. Aqui se entende por cristianismo do *Novo Testamento* aquilo que Kierkegaard bastante explorou em obras como *As Obras do Amor*, *Exercício no Cristianismo* e *Instante*, a saber, como aquilo que constitui o cristianismo autêntico, descrito nos *Evangelhos* como objeto de *escândalo* e, portanto, ofensivo ao *Homem natural*. Sob essa perspectiva, esse cristianismo seria obra do *eterno* e, como tal, imutável e resistente às tendências de época. Por outro lado, o caráter atemporal do cristianismo do *Novo Testamento* não justifica interpretações fundamentalistas e arbitrárias de grupos religiosos que muitas vezes negam direitos e dignidade a minorias sociais. O problema que aqui parece ser insolúvel consiste, assim, na possibilidade de uma arbitrária interpretação da doutrina e de uma conseqüente apropriação inadequada das virtudes neotestamentárias.



dividendo” (KIERKEGAARD, 2019, p. 166). Os pastores se encarregam de desenvolver e consolidar esse negócio lucrativo, não por menos, como lembra Politis, “Kierkegaard os considera sofistas, com a ajuda de seus discursos piedosos eles ensinam, em troca do lucro (dinheiro, reconhecimento público, promoção social), como se tornar um cristão, enquanto os próprios cristãos se fazem passar por testemunhas da verdade” (POLITIS, 2002, p. 11).

Wahl irá defender que toda a cristologia de Kierkegaard é fundamentada na relação pessoal, intransferível e paradoxal entre o ser humano individual e Deus. Para a consolidação dessa relação, qualquer intervenção externa é problemática e mesmo, dispensável, uma vez que, “nenhum indivíduo, nenhuma sociedade tem o direito de intervir entre o indivíduo e Deus e - cúmulo da impiedade - ser pago por isso e manter relações com o Estado” (WAHL, 2009, p. 400). Nenhuma igreja pode arrogar para si o papel de mediadora e de interventora na constituição e manutenção dessa relação. Um cristianismo militante e atuante é pautado no aprimoramento de subjetividades religiosas, ainda que essas não estabeleçam associações ou comunhões entre si. Na cristandade burguesa, quanto mais cristãos, mais lucro, em compensação, há menos rigor para *tornar-se cristão*, menos paixão e menos *verdade*. Quanto mais rico em sentido quantitativo, mais miserável se torna o cristianismo em seu aspecto qualitativo, como corolário, menos autêntico e relevante ele se torna. Na cristandade e em seu cristianismo capitalizado por interesses políticos, “mostrou-se que nem a mais próspera companhia de arenques nem de longe daria lucros do modo como lucrava a pescaria de homens” (KIERKEGAARD, 2019, p. 167). Em síntese, na cristandade:

[...] primeiro o que é terreno, primeiro o dinheiro, e aí poderás ter teu filho batizado, primeiro o dinheiro, e então poderás receber a terra jogada em teu caixão e um discurso fúnebre de acordo com a taxa, primeiro o dinheiro e então eu irei ver o doente, primeiro o dinheiro e depois a virtude, e então o Reino de Deus, o qual por fim chega tão em último lugar, que pura e simplesmente nem chega, e a coisa toda fica só no primeiro: dinheiro (KIERKEGAARD, 2019, p 175).



Os cristãos buscam o reino de Deus em primeiro lugar, os pastores e os pagãos buscam o dinheiro em primeiro lugar. Não é estranho, portanto, que os fiéis na cristandade também busquem o enriquecimento material e que, a exemplo dos pastores, subsistam mediante o aval de uma multidão de apoiadores³ e ainda façam do cristianismo um mero *ganha pão* (KIERKEGAARD, 2019, p. 96). O crime de corromper o cristianismo é tão grave que apenas será reparado na eternidade (KIERKEGAARD, 2019, p. 100). Kierkegaard chega até mesmo a conceber os pastores como seres antropófagos e no sentido mais abominável, afinal “não seria possível transformar as glórias do Cristianismo em dinheiro, ou se alimentar delas, viver com esposa e filhos alimentando-se delas?” (KIERKEGAARD, 2019, p. 257). Seja sob qual ângulo se analise o cristianismo burguês da cristandade, todos eles atestam o triunfo do dinheiro e que Deus não foi o escolhido. A progressão da corrupção na cristandade burguesa culminaria na política de incentivo a procriação, outra problemática dessa cristandade que afronta o cristianismo neotestamentário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é possível servir a dois senhores: Kierkegaard refletiu atentamente sobre essa questão e buscou evidenciá-la nos *Discursos Edificantes em Diversos Espíritos* e nos *Discursos Cristãos*. Apesar da relação com Deus ser a prioridade absoluta para o cristão, isso não significa que o dinheiro deva ser abolido. Kierkegaard demonstra que é possível ser um cristão afortunado e se relacionar adequadamente com o dinheiro, o qual seria um *bem relativo*. Em suma, a fórmula dialética é a seguinte: relacionar-se relativamente com os *bens relativos* (dinheiro) e de forma absoluta com o *bem absoluto* (Deus). Não é o dinheiro em si que obstrui o *tornar-se cristão*, mas a inadequada relação com ele. Apenas se é cristão quando o dinheiro

3. Sobre a importância do pastor para a sociedade, cf. KIERKEGAARD, *O instante* (n. 07), LiberArs, 2019.



ou qualquer outro bem mundano não possui primazia sobre a busca pelo *reino de Deus*. Se o cristão pobre deve resignar-se e desenvolver a fé na providência divina, o cristão rico também deve fazê-lo com o acréscimo de desenvolver a arte do fazer-se ignorante de sua própria riqueza material e, evidentemente, buscar o reino de Deus em primeiro lugar. Apenas no adequado relacionamento com ambas as teleologias torna-se possível *tornar-se cristão*.

REFERÊNCIAS

COSTESKI, Evanildo. **Fé, secularização e política segundo Eric Weil**. In: MAIA, Antônio Glaudenir Brasil (Organizador). **Filosofia e religião: fenômeno religioso no mundo (pós) secular**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018, p. 145 – 159.

HEIDEGGER, Martin. **Fenomenologia da vida religiosa**. Tradução de Enio Paulo Giachini, Jairo Ferrandin, Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2010.

KIERKEGAARD, S. A. **As obras do amor**: algumas considerações cristãs em formas de discursos. Apresentação e tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls; revisão da tradução de Else Hagelund. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Colección papeles de Kierkegaard: Diários. Volumen III, 1837 - 1839**. Traducción del danés e introducción de F. Nassim Bravo Jordán. México, D. F.: Universidad Iberoamericana, 2015.

_____. **Discursos edificantes em diversos espíritos – 1847**. Tradução de Álvaro L. M. Valls e Else Hagelund. São Paulo: LiberArs, 2018.

_____. **Ejercitación del cristianismo**. Traducción del danés de Demetrio Gutiérrez Rivero. Madrid: Editorial Trotta, 2009.

_____. **La dialéctica de la comunicación ética y ético-religiosa**. Introducción de Francesc Torralba. Traducción de José García Martín. Barcelona: Herder Editorial, S. L., 2017.

_____. **Los lirios del campo y las aves del cielo**. Prólogo y traducción del danés de Demetrio Gutiérrez Rivero. Madrid: Editorial Trotta, S. A., 2007.



_____. **O instante**: como Cristo julga a respeito do cristianismo oficial e Imutabilidade de Deus - um discurso. Traduzido por Álvaro Luíz Montenegro Valls, Marcio Gimenes de Paula. São Paulo: Liber Ars, 2019.

OLIVEIRA, Renato Almeida de. **O retorno do religioso na contemporaneidade: uma perspectiva sócio-histórica**. In: MAIA, Antônio Glaudenir Brasil (Org.) **Filosofia e religião**: fenômeno religioso no mundo (pós) secular. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018, p. 127 – 144.

PASCAL, Blaise. **Do espírito geométrico e da arte de persuadir**: e outros escritos de ciência, política e fé. Organização, introdução, tradução e notas de Flavio Fontenelle Loque. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

POLITIS, Hélène. **Le vocabulaire de Kierkegaard**. Ellipses Édition, Paris, 2002.

WAHL, Jean. **Études kierkegaardienes**. Fernand Aubier Éditions Montaigne - 13, Quai Conti – Paris. Digitized by the Internet Archive in 2009 with funding from Ontario Council of University Libraries, 2009.

WESTON, MICHAEL. **Kierkegaard and modern continental philosophy**: an introduction. London and New York: Routledge, 1994.

